



ROSINEY BARBOSA DA SILVA

ARTES VISUAIS

Um caminho para a escola inclusiva

Porto Velho - RO

2013

ROSINEY BARBOSA DA SILVA

ARTES VISUAIS

Um caminho para a escola inclusiva

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a Daniela Cureau

Porto Velho – RO

2013

Agradecimentos

A Deus, que iluminou meu caminho durante esta caminhada.

À minha família – meu marido Evaristo – minha filha Karen e em especial, a meu filho Arthur que surgiu na minha vida durante o curso, e que em várias vezes clamou por minha atenção enquanto estava fazendo as pesquisas.

Aos (às) professores (as), tutores (as) e as duas coordenações do Curso de Artes Visuais, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Em especial, à Nely Matter, Suzana Escobar e a minha orientadora prof. ^a Daniela Cureau, pelas trocas e pelo amor que dedicam à profissão – que me ajudou e também me inspirou a prosseguir.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| RESUMO | 6 |
| INTRODUÇÃO | 7 |
| DESENVOLVIMENTO | 9 |
| 2. A ARTE E A EDUCAÇÃO | 9 |
| 2.1 Educação pela Arte | 12 |
| 2.2 Arte e Educação Inclusiva | 13 |
| 2.2.1 Deficiência Intelectual | 15 |
| 3. LINGUAGENS ARTÍSTICAS | 16 |
| 3.1 Artes Visuais | 17 |
| 4. PROPOSTAS METODOLOGICAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS NA EJA | 17 |
| 5. PROPOSIÇÃO DE UM PROJETO PAR A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EJA | 19 |
| 5.1 Projeto Descobrimdo-se com o autorretrato | 20 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| ANEXOS | 26 |
| Anexo A: Textos apoio para o projeto – Arte Contemporânea e Autorretrato fotográfico | 27 |
| Anexo B: Sugestões de obras a serem utilizadas | 32 |
| REFERÊNCIAS | 37 |

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Albano Afonso, Autorretrato com Goya | 33 |
| Figura 2: Autorretrato de Vik Muniz | 33 |
| Figura 3: Foto de Marcia Xavier para ET EU TU | 34 |
| Figura 4: Gisela Milmam Catherine, Fotografia | 34 |
| Figura 5: Albano Afonso, Sem Título | 35 |
| Figura 6: Fabio Carvalho, Espelho Mnêmico | 35 |
| Figura 7: Marcello Nitsche, Autorretrato | 36 |
| Figura8: Marcia Xavier, Sem Título | 36 |

RESUMO

A educação inclusiva vem sendo debatida e defendida por pessoas que acreditam numa educação de qualidade para todos, sem distinção. A disciplina de arte no contexto inclusivo pode ser uma ferramenta propiciadora desta qualidade educacional em prol do desenvolvimento pleno dos alunos, principalmente dos que apresentam necessidade especiais, como os alunos com Deficiência Intelectual incluídos no ensino comum. Assim, essa pesquisa pretende mostrar que esses alunos podem participar, aprender e se apropriar do conhecimento como os demais alunos. A arte por ser uma disciplina que valoriza o visual, a manipulação concreta com atividades práticas tem o poder de estimular o desenvolvimento das potencialidades de todos os alunos se for utilizada por profissionais comprometidos com a educação. Neste sentido, através da proposição de um projeto de ensino a ser aplicado no ensino comum pretende-se mostrar que todos os alunos são capazes de construir seus conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação inclusiva, Arte visual, conhecimento.

ABSTRACT

Inclusive education has been debated and defended by people who believe in quality education for all without distinction. The discipline of art in an inclusive context can be a tool of this quality educational pledge in favor of the full development of students, especially those who have special needs, such as students with Intellectual Disabilities included in regular education. Thus, this research aims to show that these students can participate, learn and take ownership of knowledge as other students. The art to be a discipline that emphasizes the visual manipulation with concrete practical activities has the power to stimulate the development of the potential of all students if used by professionals committed to education. In this direction, by proposing a teaching project to be implemented in the mainstream school aims to show that all students are able to build their knowledge.

KEYWORDS: Inclusive Education, Visual Arts, knowledge.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a educação vem passando por transformações que visam à melhoria do processo educacional, ou seja, uma educação de qualidade. Dentre essas transformações insere-se o acesso das pessoas com necessidades especiais no ensino regular. Ao se pensar em educação inclusiva, encontramos na Educação pela Arte os subsídios necessários para promover a inclusão desses alunos no ensino regular, como também sua aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Especial (LDBEN) Lei nº 9394/96, ampara o ensino da Arte, assim como a inserção desses alunos na escola regular em seus respectivos artigos.

Artigo 26, parágrafo 2º - O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Artigo 58 - Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. (BRASIL, 2001)

Assim, a Arte no âmbito escolar atuando como agente promotora do desenvolvimento cultural dos alunos, pode e deve ser propiciada como a base da educação. Neste sentido, a Arte/Educação dentro do processo inclusivo se torna um procedimento capaz de integrar a singularidade individual com a unidade social, possibilitando uma interação entre as diferenças, desenvolvendo e ampliando os diversos tipos de inteligência que cada ser possui.

A arte permite ao aluno ousar, experimentar, explorar, sonhar, imaginar, descobrir, inventar e reinventar, errar, contextualizar, ou seja, desenvolve capacidades cognitivas. O aluno que apresenta deficiência intelectual tem muita dificuldade para desenvolver operações abstratas. Através das atividades artísticas é propiciado o ver, conhecer, contextualizar, atribuir significado, com isso é trabalhado a atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, pensamento, afetividade, ou seja, pode ser oportunizado o desenvolvimento do conhecimento através de uma aprendizagem significativa.

Atualmente é comum observar nas escolas de ensino regular a prática da inclusão das pessoas com necessidades especiais, entretanto, muitas escolas ainda não dispõem de uma estrutura curricular e pedagógica adequada para atender as limitações desse novo alunado. Assim, verifica-se no âmbito escolar a prática da integração e não de inclusão. Pensando nessa contribuição da Educação pela Arte para o desenvolvimento de alunos que apresentam

deficiência intelectual incluídos no ensino regular, é que se fomenta essa pesquisa, buscando nas experiências teóricas de Educação pela Arte, os subsídios necessários para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, principalmente os que apresentam Deficiência Intelectual, incluídos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede regular de ensino.

Assim, através da proposição de um projeto de trabalho em Artes Visuais, utilizando-se a Arte contemporânea, com técnica da fotografia pretende-se mostrar que os alunos com necessidades especiais que apresentam Deficiência Intelectual incluídos na EJA, como os demais alunos são capazes de produzir, desenvolver seus potenciais se lhes forem dada oportunidade de desenvolvimento, do despertar de habilidades que a disciplina de artes é capaz de promover. Pois a Arte possibilita a experimentação, o fazer, conhecer, criar, sentir. A Arte desenvolve no aluno competências e o auxilia no atribuir sentido as suas experiências de vida, além de desenvolver sua sensibilidade, e imaginação criadora.

DESENVOLVIMENTO

2. A ARTE E A EDUCAÇÃO

Dentro do contexto educativo a Arte pode ser relacionada a todas as áreas de conhecimento, e contribui significativamente com o processo de ensino aprendizagem. Através da Arte o aluno desenvolve competências e atribui sentido as suas experiências de vida, além de desenvolver sua sensibilidade, imaginação e refletir sobre as questões sociais presente nas relações estabelecidas entre o individuo e a sociedade.

A arte faz parte da vida do ser humano, assim como a as diferentes formas de pensar e conceituar o ensino da arte foi influenciado pelas relações estabelecidas entre o homem e a sociedade.

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo. (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.20)

Assim, podemos afirmar que o ensino das artes visuais no Brasil se deu com as formas de vida dos nossos primeiros habitantes: os índios. Até o século XVI, a arte fazia parte do cotidiano, mas com a chegada dos portugueses foram construídas as primeiras escolas. O desenvolvimento da arte foi baseado em livres transformações do Barroco Jesuítico, as relações de ensino-aprendizagem da arte se davam através do próprio trabalho artístico nas oficinas de artesões e em instituições.

A partir de 1759, há uma supressão das escolas jesuíticas com a Reforma Pombalina, com o ideário iluminista, o ensino da arte é relegado à irrelevância. Com a chegada da família real portuguesa foi implantada a Academia de Artes a partir de 1808. Guimarães; Costa e Olária (2010. p.14) citam que “além de serviços e das artes mecânicas, as classes dominantes necessitavam da produção de bens simbólicos das belas artes para sua fruição e deleite. É aí

que se insere a política para a formação de pintores, desenhistas, escultores e gravadores”.

Com a vinda da Missão Francesa novamente é modificado o rumo do ensino da arte. É criada a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro que inicialmente se destinava apenas a formação de artistas baseados nos métodos e conceitos do Neoclassicismo.

Com a desintegração da missão francesa e as reformas propostas por D. Pedro II, há a implantação de cursos técnicos, não visando apenas à formação a artística, mas também questões gerais de arte em todo o Império. De acordo com Guimarães; Costa e Olária (2010, p.20) “aos interesses iniciais, mais voltados para concepções de arte pela arte e para a pintura histórica, juntam-se os interesses de atender as necessidades imediatas do Império – incluir o Brasil no rol das nações civilizadas, com as crenças na indústria e no progresso”.

As autoras citadas continuam esboçando um traçado da história da Arte, salientando que nas décadas finais do século XIX várias reformas são propostas e a educação passa a ser direcionada as necessidades do sistema econômico. Nesse contexto, o ensino de artes passa a ser valorizado também para as classes subalternas. Na primeira republica o ensino das artes continuava sendo um instrumento de distinção entre as pessoas. Arte para a elite e outra popular. Todavia, na Segunda republica novas ideias surge à administração educacional e se erradicam por todo território, ganhando a arte um novo conceito a partir de 1940, é vista como forma de desenvolvimento para a expressão individual. Sua importância é tida como além da preparação individual. (GUIMARÃES; COSTA; OLÁRIA, 2010)

Em 1948, o Movimento Escolinhas de Arte, influencia o ensino de arte nas escolas, transformando filosofias e metodologias no ensino da arte baseadas nos princípios da Escola Nova.

Mesmo com todas as rupturas dos inícios do séc. XX, o ensino de arte oficial, por volta de 1950, ainda era caracterizado pela concentração do conhecimento na transmissão de padrões e modelos da cultura dominante. [...] Os interesses econômicos ditavam uma visão utilitária e imediata da arte, bem como a imposição de hábitos de organização, precisão e domínio técnico. (GUIMARÃES, COSTA E OLÁRIA 2010. p. 48)

Em 1964, há uma desvirtuação da tendência Escolanovista e o ensino da arte assume um caráter descompromissado, com práticas recreativas e com o esvaziamento de conteúdos. Mesmo com sua instituição legal e obrigatória na LDB 5692 de 1971, sua concepção de ensino é baseado apenas em atividades.

A partir da década de 80 o ensino de artes tem seus conceitos revisados e novas fundamentações se apresentam, constitui-se o Movimento Arte-Educação, com o objetivo de

conscientizar, organizar e mobilizar os professores de arte formais e informais.

Em 1983 cria-se a Federação Nacional de Artes – Educador no Brasil, segundo Campello e Cruz (2010, p.76) “os artes-educadores se envolvem em debates a respeito da Educação no Brasil e formam um grupo de pressão em defesa da posição da arte nos currículos escolares visando obter avanços na lei de Diretrizes e bases da educação Nacional (LDB) a ser elaborada”. Os artes educadores defendiam o ensino de artes fundamentado na tendência cognitivista, por ser de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Nesse cenário surgiu a abordagem desenvolvida por Ana Mae Barbosa, conhecida como Metodologia Triangular, apresentada pelas autoras citadas nas palavras da própria autora.

A proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma trílice influência, na deglutição de três outras abordagens epistemológicas: as Escuelas AL Aire Libre mexicanas, o Critical Studies inglês e o movimento de apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano. (BARBOSA, 1988, p. 33-34 apud CAMPELLO, CRUZ. 2010, p. 87-88)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei 9.394, de 20/12/96, em seu artigo 26, parágrafo 2º diz que “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1997, p.32). Assim, Por fazer parte do currículo escolar a disciplina de arte deve ser promovida no ambiente escolar de forma a propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico dos alunos de modo que estes possam dar sentido às suas experiências pessoais e ampliar sua sensibilidade, percepção, reflexão e a imaginação.

2.1 Educação pela Arte

O conceito de Educação pela Arte é atribuído a Herbert Read. Em sua obra Read (1982), defende a tese de que a Arte deve ser a base da Educação e fonte de desenvolvimento do que é individual ao ser humano, harmonizando-se com o social. Partindo do pressuposto de que toda criança aprende mediante a própria atividade do processo de criar Read, orienta

aos professores o dever de não interferir nesse criar, e sim ser o guia, estabelecer um diálogo onde possa agir sendo um mediador entre a criança e o meio, sem lhe impor suas convicções.

Anísio Teixeira (2010, p. 37) refletindo acerca da Teoria de Educação de John Dewey salienta que é através da experiência educativa que “se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas”, ou seja, quando se tem uma experiência reflexiva, observando-se o antes e o depois a aquisição dos conhecimentos tornam-se mais extensos do que antes, sendo esse um caminho natural. O autor conclui seu pensamento salientando que “a experiência alarga [...], os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida”.

Neste sentido, verificamos a importância do papel professor, mediante sua forma de intervenção utilizada na educação do indivíduo e na mediação de suas experiências com o grupo social.

Freire (1996) identifica alguns saberes necessários à prática educativa do professor, explicitando que o mesmo tem que ter ciência de que suas atitudes podem influenciar profundamente a vida dos alunos. Que deve oportunizar possibilidades para que seus alunos produzam, construam seus próprios conhecimentos. Assim, podemos dizer que é fundamental que o professor de arte, antes de tudo a trate como uma forma de conhecimento indispensável aos seus alunos, articulando esse saber em campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artística estética da humanidade. Esses campos conceituais estão delineados nos PCNs Arte (BRASIL, 1998), respectivamente denominados por produção, fruição e reflexão.

Os alunos precisam compreender que a arte no âmbito escolar não é uma mera atividade distrativa, e sim de possibilidades, onde durante o trajeto percorrido pelo fazer e o conhecer arte, conhecimentos são adquiridos, assim como o desenvolvimento de potencialidades importantes como a percepção, observação e a sensibilidade.

Martins; Picosque e Guerra (2009, p. 120-121) salientam que:

Uma aprendizagem de arte só é significativa quando o objeto de conhecimento é a própria arte. É por meio dela que o aprendiz será provocado a saber manejar e conhecer a gramática específica de cada linguagem que adquire corporeidade por meio de diferentes matérias, recursos, procedimentos e instrumentos que lhe são peculiares, levando em consideração não só a arte presente nas instituições culturais, nas salas de espetáculos e de concerto, mas também a arte pública, as manifestações populares, o nosso patrimônio cultural vivo.

Pensando sob a luz teórica de Cesar Coll, as autoras acima citadas mencionam ações

pertinentes ao processo de ensino aprendizagem de arte estabelecendo objetivos a serem alcançados quanto à aprendizagem de fatos, conceitos procedimentos, valores, atitudes e normas.

A aprendizagem de fatos e conceitos envolve: analisar, interpretar, conhecer, explicar, descrever, comparar, relacionar, identificar, situar (no tempo e no espaço), reconhecer, classificar, recordar, inferir, generalizar etc.;

A aprendizagem de procedimentos envolve: construir, simbolizar, representar, observar, experimentar, elaborar, manejar, compor, confeccionar, utilizar, simular, reconstruir, planejar etc.;

A aprendizagem de atitudes, valores, normas envolve: apreciar, valorizar (positiva e negativamente), ser consciente de, estar sensibilizado a, sentir, aperceber-se, prestar atenção a, deleitar-se com, brincar com, preferir etc. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2009, p. 129)

Essas ações não ocorrem de forma estática durante o processo de ensinar-aprender, e o educador como um mediador entre a arte e o aprendiz, precisa promover o encontro do educando com esses procedimentos, provocando o aprendizado da arte. Mais do que a preocupação com determinadas propostas ou métodos de ensino de arte, é importante que o professor construa uma atitude pedagógica apoiada nos fundamentos teóricos e práticos da educação e da arte.

2.2 Arte e Educação Inclusiva

A educação inclusiva vem sendo definida como um processo de inclusão de todos os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino em todos os seus níveis. Entretanto, está na escola não é condição necessariamente suficiente para a inclusão. É necessário que o aluno participe ativamente e desenvolva suas potencialidades, ou seja, construa seu conhecimento. Uma escola inclusiva deve propor uma educação de qualidade para todos, com aceitação, convivência e valorização das diferenças e escolhas individuais.

Damázio (2007) chama a escola para o desafio de ser tornar uma escola para todos e verdadeiramente inclusiva, com oferta de práticas educacionais que beneficiem a participação dos alunos com deficiência, e que propicie um ambiente educacional estimulador, desafiante, que explore a capacidade dos alunos e favoreça uma aprendizagem significativa para todos.

A arte e suas diversas formas de expressão trazem uma grande contribuição para a

construção da escola inclusiva. Os alunos durante o processo de ensino aprendizagem de artes, classificam, criam, imaginam, começam perceber o mundo.

A arte, por ser extremamente subjetiva, exerce um papel importante dentro da educação especial, atuando onde a verbalização fracassa. A expressão artística se manifesta e traduz para a realidade objetiva os processos subjetivos. Não é mais possível admitir no ambiente escolar indiferença, desigualdade e egoísmo que possam gerar atitudes posteriores de preconceitos e discriminações. Nós, educadores inquietos e com vontade de mudar esse ambiente “exclusivo”, mesmo que com dificuldades, buscaremos todos os recursos disponíveis, permitindo que os alunos recebam uma acolhida educação com tratamento digno e ético de excelente qualidade. Não basta apenas aceitar o deficiente simplesmente por que a lei determina: é preciso reconhecer seu potencial, dar oportunidades de crescimento e principalmente de desenvolvimento social e cognitivo. (BEDIN, BINOTTO, s/a)

Desta forma, a educação inclusiva e o ensino da arte têm como principal desafio acolher todos os alunos e oferecer a eles as mesmas oportunidades educacionais e artísticas, promovendo o processo ensino-aprendizagem, além de também trabalhar com as diferenças, dificuldades e limitações individuais nas suas mais diversas relações no interior da instituição escolar. Para que isso se efetive é necessário abandonar as ideias inatistas e as teorias evolucionistas e genéticas, que acreditam na concepção imutável, pronta e acabada do Homem, da sociedade e da educação. (BEDIN; BINOTTO, s/a)

São considerados alunos com necessidades especiais aqueles que requerem atendimento, recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas. Genericamente são classificados como portadores de deficiências (visual, auditiva, mental, física e múltiplas), portadores de condutas típicas (problemas de condutas decorrentes de síndromes de quadros psicológicos e neurológicos que acarretam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social) e os de altas habilidades (com notável desempenho e elevada potencialidade em aspectos acadêmicos intelectuais psicomotores e artísticos).(BRASIL, 2001).

Na escola inclusiva o processo educativo deve ser entendido como um processo social, onde todos os alunos que apresentem necessidades educativas especiais e de distúrbio de aprendizagem têm o direito a escolarização, quando os educando dos mais diferentes estilos estudam juntos podem se beneficiar com os estímulos e modelos comportamentais um dos outros.

Com a iniciativa de favorecer o processo inclusivo nas escolas de ensino regular o Ministério da Educação vem no decorrer dos anos desenvolvendo ações que propiciam a

inclusão por meio da Arte, evidenciando a importância dessa disciplina para a construção de uma sociedade inclusiva. De acordo com o documento que estabelece Estratégias e orientações sobre artes, (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2002) a utilização da Arte como meio promotor da inclusão no Brasil deu-se a partir do Movimentos de Escolinhas de Arte e das ideias da educadora russa Helena Antipoff. Entretanto, esse contexto de Arte-Educação só era empregado nas escolas de ensino especial e entidades culturais. Assim, a partir do Programa Arte Sem Barreiras, a inclusão pela arte iniciou sua difusão pelo Brasil.

Neste sentido, pode-se afirmar que o ensino por meio da Arte pode apresentar possibilidades significativas para a inclusão e a aprendizagem dos alunos que apresentam necessidades especiais incluídos no ensino regular. Entretanto, ainda verifica-se em muitas escolas de ensino regular que os alunos com necessidades especiais inclusos, não são beneficiados durante as aulas de Arte, sendo-lhes suprimido o desenvolvimento, não proporcionando aos mesmos a possibilidade de desenvolver suas potencialidades e habilidades. São tratados como incapazes, entregando-lhes desenhos prontos para pintar ou copiar, enquanto os demais alunos ‘ditos normais’ produzem.

2.2.1 Deficiência Intelectual

A convenção de Guatemala, internalizada a Constituição brasileira pelo Decreto nº 3.956/2001, no seu artigo 1º define deficiência como [...] “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”.

Em uma entrevista concedida a Agência Repórter Social e Museu de Arte Contemporânea da USP, Ana Mae Barbosa responde sobre a influência da arte na capacidade de aprendizagem e como deve ser inserida na escola para que o aluno entenda seu significado.

A arte não tem certo ou errado, o que é muito importante para as crianças que são rejeitadas na escola por terem dificuldade de aprender, ou problemas de comportamento. Na arte, eles podem ousar sem medo, explorar, experimentar e revelar novas capacidades. A arte desenvolve a cognição, a capacidade de aprender. Isso já foi demonstrado em uma pesquisa feita nos Estados Unidos em 1977, quando foram estudados os dez melhores alunos em um período de dez anos. Os melhores

tinham apenas uma característica em comum: todos tinham feito ao menos dois cursos de arte em suas trajetórias pelas escolas. Além disso, um país só pode ser considerado culturalmente desenvolvido se tiver uma produção de alta qualidade e uma compreensão dessa produção também de alta qualidade. No Brasil, precisamos democratizar a compreensão e isso deve começar nas escolas, na educação infantil.

(Fonte: Trecho extraído de entrevista concedida a Agência Repórter Social (jornalista Flávio Amaral) e Museu de Arte Contemporânea da USP.)

O aluno com deficiência intelectual ao interagir com seus pares no espaço escolar estabelece relações sociais e interpessoais que beneficiarão seu desenvolvimento. A Lei de Diretrizes de Base para a Educação (1996) preconiza que o Atendimento Educacional Especializado aos alunos com necessidades educacionais especiais, seja realizado preferencialmente na rede regular de ensino. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001, p. 21) definem que o grande desafio da educação hoje é “garantir o acesso aos conteúdos básicos que a escolarização deve proporcionar a todos os indivíduos – inclusive àqueles com necessidades educacionais especiais”.

Dentre os conceitos aceitos atualmente sobre deficiência intelectual, encontra-se o formulado pela Associação Americana de Retardo Mental (AAMR, 2002), que foi adotado pelos documentos oficiais brasileiros relacionados à educação, e que diz que o termo deficiência intelectual se refere a: limitações substanciais no funcionamento atual do indivíduo, caracterizado por um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, existindo concomitantemente com relativa limitação associada a duas ou mais áreas de conduta adaptativa indicadas a seguir: comunicação, cuidados pessoais, vida no lar, habilidades sociais, desempenho na comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, habilidades acadêmicas funcionais, lazer e trabalho.

3. LINGUAGENS ARTÍSTICAS

De acordo com os PCNs - Arte (BRASIL, 1998) as linguagens artísticas a serem trabalhadas como conteúdos curriculares no âmbito escolar são: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Cabendo ao professor e a equipe responsável pelo projeto curricular da escola diagnosticar o grau de conhecimentos de seus alunos a fim de dar continuidade ao processo de educação de cada modalidade artística. Sugerindo, no entanto que seja oportunizado o

trabalho com as várias formas artísticas ao longo do período de escolarização.

3.1 Artes Visuais

Encontra-se nos PCNs – Arte (BRASIL, 1998, p. 63) que nas artes visuais, além das formas tradicionais como a “pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, objetos, cerâmicas, cestaria, entalhe”, também incluem outras modalidades resultantes dos avanços tecnológicos e transformações estéticas ocorridas a partir do século XX, como “ fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador”.

Ao se buscar trabalhar o desenvolvimento dos alunos das linguagens visuais, o professor deverá ter implícito em seus conhecimentos as técnicas, metodologias, procedimentos, conhecimentos sobre a história da arte, artistas, e das ações correlacionadas a experiência do fazer e apreciar arte.

4. PROPOSTAS METODOLOGICAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS NA EJA

Méndez (2013) cita que “para abordar uma obra de arte podemos estabelecer diversos percursos partindo das variáveis da obras e do seu público”. Salienta ainda que, “a abordagem é uma entrada a experiência, um canal de conexão entre o público e a obra de arte”. Continuando sua contribuição apontando algumas abordagens que podem ser utilizadas na mediação museal e cultural em sala de aula, como: formal, iconológica, semiótica, fenomenológica, estruturalista, histórico-social, e pós-estruturalista ou desconstrutiva.

Dentre as abordagens apontadas a fenomenológica é muito adequada para crianças e jovens em idade escolar, pessoas com necessidades especiais e idosos. De acordo com Méndez (2013) essa abordagem “promove a experiência de todos os sentidos do corpo e suas relações de percepção com seu mundo”. Continua salientando que essa abordagem “permite

que exista um diálogo, um encontro entre o sujeito e a obra, sendo, no entanto, necessário a construção de percursos significativos para os interatores que adquirem um papel participativo centrado no corpo através de sensações experiências”.

Para atender as diferenças individuais dos alunos os PCNs trazem algumas medidas a serem adotadas para as adaptações nos elementos curriculares, como as adaptações metodológicas e didáticas e dos conteúdos curriculares e do processo avaliativo.

Adaptações metodológicas e didáticas

- Situar o aluno nos grupos com os quais melhor possa trabalhar;
- Adotar métodos e técnicas de ensino e aprendizagem específica para o aluno, na operacionalização dos conteúdos curriculares, sem prejuízo para as atividades docentes;
- Utilizar técnicas, procedimentos e instrumentos de avaliação distintos da classe, quando necessário, sem alterar os objetivos da avaliação seu conteúdo;
- Propiciar apoio físico, visual, verbal e outros ao aluno impedido em suas capacidades temporárias ou permanentemente, de modo que permita a realização das atividades escolares e do processo avaliativo. O apoio pode ser oferecido pelo professor regente, professor especializado ou pelos próprios colegas;
- Introduzir atividades individuais complementares para o aluno alcançar os objetivos comuns aos demais colegas. Essas atividades podem realizar-se na própria sala de aula ou em atendimento de apoio;
- Introduzir atividades complementares específicas para o aluno, individualmente ou em grupo;
- Eliminar atividades que não beneficiem o aluno ou lhe restrinja uma participação ativa e real ou, ainda, que esteja impossibilitado de executar;
- Suprimir objetivos e conteúdos curriculares que não possam ser alcançados pelo aluno em razão de sua(s) deficiência(s); substituí-los por objetivos e conteúdos acessíveis, significativos e básicos, para o aluno. (BRASIL, 1998, p. 49-50)

As adaptações visam atender as especificidades dos alunos, no entanto, alguns aspectos necessitam ser considerados para que a mesma promova efeito positivo na aprendizagem dos alunos como: realizar uma avaliação da competência acadêmica do aluno, dos contextos familiar e escolar, buscar parcerias principalmente no âmbito escolar, realizar registro documental do trabalho a ser desenvolvido, oportunizar a aprendizagem significativa. Mesmo que as adaptações sejam oportunizadas, alguns alunos com necessidades especiais podem não conseguir alcançar os objetivos propostos devido as dificuldades orgânicas associadas a déficits permanentes do funcionamento cognitivo, assim os PCNs (BRASIL, 1998, p. 53) salientam que “nessas circunstancias, verifica-se a necessidade de realizar adaptações significativas no currículo para o atendimento dos alunos e indicar conteúdos curriculares de caráter mais funcional e prático, levando em conta as suas características individuais”. As medidas adaptativas oportunizam aos alunos com necessidades especiais

acesso ao currículo e oportunidade de aprendizagem.

5. PROPOSIÇÃO DE UM PROJETO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EJA

Ao se pensar na Educação de Jovens e Adultos o trabalho com projetos de ensino poderá trazer oportunidades e criar situações de aprendizagem através de sequências articuladas e planejadas de atividades que não isolem as aulas de arte. Trabalhar com projetos exige reflexão constante, ou seja, está pautado na ação-reflexão-ação.

Martins, Picosque e Guerra (2009 p.155), sintetizam a necessidade do desenvolvimento de três momentos durante o trabalho com projetos, sendo:

1º momento: avaliação iniciante – sondagem para o levantamento de repertório.

2º momento: encaminhamento de ações – levantamento de propostas possíveis, avaliações e replanejamento.

3º momento: sistematização – apropriação do conhecimento construído.

Cabe ao professor as articulações das ações durante o projeto, proporcionando durante todo o percurso situações de aprendizagem.

Em seu livro Metodologia do Ensino de Artes Maria Heloísa Ferraz e Maria Fusari, apresentam uma concepção metodológica para o ensino e aprendizagem em arte, salientando que os caminhos metodológicos constituem-se de,

[...] ideias e teorias (ou seja, posições a respeito de “como devem” ou “como deveriam ser” as práticas educativas em arte) baseadas ao mesmo tempo em propostas de estudiosos da área e em nossas práticas escolares em arte e que se cristalizam nas propostas e aulas [...] A metodologia educativa na área artística inclui escolhas profissionais do professor quanto aos assuntos em arte, contextualizados e a serem trabalhados com os alunos nos cursos. Referem-se também a determinação de métodos educativos, ou seja, de trajetórias pedagógica (com procedimentos técnicos e proposição de atividades) (FERRAZ; FUSARI, 2001, p. 98)

Ao se trabalhar com alunos inclusos as adaptações curriculares possibilitam ao professor trabalhar frente às dificuldades apresentadas por seus alunos, criando um ambiente propício a aprendizagem. Os PCNs (BRASIL, 1998, p. 33) ao orientar sobre as adaptações curriculares para alunos com necessidades especiais destacam que alguns aspectos precisam ser considerados durante as adaptações, como: “a preparação e a dedicação da equipe

educacional e dos professores; o apoio adequado e recursos especializados, quando forem necessários; as adaptações curriculares e de acesso ao currículo”. Assim, o currículo pode ser utilizado como uma ferramenta em benefício ao desenvolvimento dos alunos incluídos e realizado em três níveis: “no âmbito do projeto pedagógico (currículo escolar); no currículo desenvolvido na sala de aula; no nível individual” (BRASIL, 1998 p. 40).

Como sugestão de recursos de acesso ao currículo para alunos com deficiência mental (intelectual), os PCNs (BRASIL, 1998 p, 47) sugerem que: “ambientes de aula que favoreçam a aprendizagem, tais como: atelier, cantinhos, oficinas etc.; desenvolvimento de habilidades adaptativas: sociais, de comunicação, cuidado pessoal e autonomia”.

5.1 Projeto descobrindo-se através do autorretrato

Tema: Arte contemporânea e o autorretrato.

Objetivo geral

Propiciar a aquisição do conhecimento de alunos com deficiência intelectual inclusos na sala comum de ensino através da construção de um autorretrato, trabalhando a apreciação – leitura – recepção de imagens de obras cuja poética sejam autorretrato contemporâneo.

Objetivos específicos

- Proporcionar uma aprendizagem significativa aos alunos com deficiência intelectual;
- Estimular projetos individuais de identidade utilizando a fotografia como linguagem;
- Promover pesquisas das diversas maneiras de se usar a imagem por meio de exercícios práticos, como a fotomontagem;
- Produzir um autorretrato contemporâneo.

Público-alvo: Alunos da Educação de Jovens e Adultos

Movimento/técnica: Arte Contemporânea, Fotografia.

Duração: 1 bimestre (8 aulas)

Conhecimentos prévios: Exercícios de leitura/recepção/apreciação de obras e imagens.

Justificativa

Atualmente a educação inclusiva é difundida por todo o país, os alunos que apresentam necessidades especiais participam do contexto da escola regular de ensino, no entanto, muitos estão inseridos, mas não incluídos. A inclusão não está contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento. Esta observância surgiu a partir da realização de um estágio supervisionado na disciplina de Artes, onde se pode perceber que não era oportunizado o acesso ao currículo, ou seja, ao desenvolvimento de conhecimentos aos alunos que apresentavam necessidades especiais. A atitude frente a construção do conhecimento desses alunos era passiva, como se não fossem capazes de aprender, estando no ambiente escolar apenas a título de socialização.

Assim, observando que todas as pessoas são capazes de aprender, cada uma dentro da sua condição, se lhe for oportunizado o acesso a essa aprendizagem, propôs-se um projeto de trabalho a ser utilizado na EJA, que propicie uma aprendizagem significativa aos alunos, e auxilie na construção de conceitos, saber, compreensão e descoberta aos alunos com deficiência intelectual incluídos na escola regular. Neste sentido, pretende-se que esses alunos se aprimorem e tenham acesso ao conhecimento, participando e contribuindo significativamente dessa construção, tornando-se responsáveis e participativos no processo educativo.

Metodologia: Sócio/individualizado, pois permite equilíbrio entre o aprendizado individual, centrado no aluno e a interação, troca de experiências entre os alunos, preocupando-se com o grupo e o individual.

Recursos: Computador, máquina fotográfica, celular, imagens de obras fotográficas, texto sobre arte contemporânea, fotografia e dados sobre as artistas e suas obras.

Cronograma

| Data | Conteúdo / Atividades |
|--------|--|
| Aula 1 | Dialogando sobre arte (sondagem sobre o conhecimento e interesse dos alunos). Apresentação arte contemporânea |
| Aula 2 | Fotografia (contextualização e conceitualização) Apreciação leitura/imagens |
| Aula 3 | Apresentação artistas – obras (slides) |
| Aula 4 | Pesquisa artistas e obras (internet) |
| Aula 5 | Captação e criação de uma imagem pessoal com câmera digital e/ou celular |
| Aula 6 | Produção do autorretrato utilizando a manipulação tecnológica |
| Aula 7 | Produção do autorretrato utilizando a manipulação tecnológica |
| Aula 8 | Leitura e apreciação dos autorretratos produzidos Exposição |

Procedimentos a serem utilizados durante o projeto

1- Exposição virtual (on line ou off line) de autorretratos contemporâneos.

2- O educador trará para o ambiente (sala de aula) as imagens da exposição e estimular um debate onde abordará temas como:

- Contextualização da arte contemporânea através da linguagem fotografia;
- Discussão sobre a forma com que cada artista realizou o autorretrato;
- Conversa sobre como cada aluno poderia realizar seu autorretrato;
- Produção individual para realização de fotos para o autorretrato;
- Manipulação das imagens (fotos) usando um programa de computador (editor de imagens);
- Exposição dos autorretratos produzidos e discussão sobre a forma que cada um

utilizou para produzir.

3- Sugestões de atividades práticas

- Montar uma identidade da turma, a partir das criações do autorretrato;
- Conhecer as diversas possibilidades de manipulação de imagem fotográfica e composição;
- Realizar uma exposição dos trabalhos produzidos na escola.

Estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas com alunos que apresentam deficiência intelectual:

De acordo com GOMES, Et al. (2007, p. 16) o aluno com deficiência intelectual “tem dificuldade, de construir conhecimento como os demais e de demonstrar a sua capacidade cognitiva, principalmente nas escolas que mantêm um modelo conservador de ensino e uma gestão autoritária e centralizadora”. Assim, é importante que o professor da sala de aula adote estratégias de ensino que permitam ao aluno aprender, reconhecer e valorizando só conhecimentos que ele pode produzir, dentro de suas possibilidades.

Na promoção da aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos com deficiência intelectual a estimulação e o incentivo a autonomia e crescimento do aluno auxilia na forma com este lida com suas limitações. Falconi e Silva (s/a) salientam que o uso “ computador pode ser um importante aliado no seu fazer pedagógico durante o desenvolvimento de atividades com os alunos que possuem deficiência intelectual”. Assim, através desse recurso pode-se trabalhar com editores de texto, de imagem, internet possibilitando ao aluno o acesso a informação, pesquisa, comunicação. Neste sentido, os autores acima citado trazem exemplos de algumas sugestões de estratégias a serem utilizadas em sala de aula para o desenvolvimento do trabalho com aluno deficiente intelectual.

- Dar ênfase em projetos e atividades relacionadas à vida real dos alunos, trabalhando as competências e habilidades que o aluno possui;
- Manter uma rotina diária de trabalhos;
- As atividades devem ser explicadas de forma lenta e tranquila, repetindo quantas vezes forem necessárias, (a repetição e rotina de aplicação das atividades, possui grande importância no desenvolvimento, compreensão e aprendizagem de alunos com deficiência intelectual;
- É importante utilizar o interesse que o aluno apresenta por determinados assuntos, temas e formas de realizar as atividades, (assim é possível estar organizando e

planejando adequadamente os desafios propostos aos alunos;

- Observar como o aluno reage e age em cada situação e atividades aplicadas, como as realiza. Estar atento auxiliá-lo, para que desenvolva uma melhor forma de
- Trabalho em duplas ou grupos em sala de aula;
- Ateliês, cantinhos, oficinas, (onde o aluno poderá estar realizando atividades diversificadas em sua própria sala de aula regular, como leitura, escrita, jogos, pesquisa, recorte, pintura, desenho, etc.);
- Propor trabalhos e atividades que possam auxiliar o desenvolvimento de habilidades adaptativas: sociais, de comunicação, cuidados pessoais, autonomia;
- Utilizar diferentes recursos para produção de escrita e leitura: letras móveis, computador, lápis adaptados, jogos, etc.;
- Adotar procedimentos pedagógicos visando à descoberta do aluno nas situações problemas;
- Trabalhar juntamente com o aluno a auto-correção de suas atividades;
- Proporcionar maior espaço de tempo entre as repetições de temas, a acumular experiências num curto espaço de tempo;
- Trabalho de campo, pesquisas, atividades com práticas e vivências estimulando o conhecimento e novas ações. (FALCONI, SILVA (s/a)

No trabalho com alunos que apresentam deficiência intelectual o visual deve ser considerado, assim como a oportunidade dos alunos expressarem seus questionamentos e conhecimentos, tomando consciência do que sabem e do que querem saber. Portanto, o professor em sua prática pedagógica deve oportunizar que o aluno possa, aprender a aprender, ter autonomia e refletir.

Neste sentido, sugere-se que ao se aplicar o projeto com alunos com deficiência intelectual inclusos na sala comum de ensino, alguns procedimentos sejam assegurados antes da manipulação do autorretrato no computador, visto que esses alunos necessitam do concreto para que possam se apropriar e construir o conhecimento, como:

- Visualização da imagem do aluno através do espelho;
- Trabalhar com quebra-cabeça com a foto do aluno em vários formatos;
- Completar a imagem/foto impressa;
- Produzir máscaras do rosto do aluno em papel machê, dentre outras atividades que podem ser realizadas.

Avaliação

Durante todo o processo, o educador buscará orientar nas atividades dos alunos buscando indicar o objetivo da exposição e atividades sugeridas. Após a realização das atividades, retomar o debate para verificar os conhecimentos dos alunos acerca do autorretrato contemporâneo e a significância da produção para cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão do aluno com deficiência intelectual é um desafio para a escola comum de ensino, pois esses alunos têm uma maneira própria de lidar com o saber e essa forma muitas vezes não corresponde ao que a escola preconiza e espera de seus alunos. Principalmente as escolas que mantêm um padrão tradicional de gestão educacional, pois, esses alunos evidenciam a necessidade de uma reorganização para atender a todos os alunos.

Independente da condição aprender é uma ação humana, individual, heterogênea e criativa. Assim como ensinar é um ato coletivo, onde o conhecimento é disponibilizado pelo professor a todos os alunos, sem exceção. A escola inclusiva se reorganiza, recria suas práticas, muda concepções, reconhece e valoriza as diferenças.

Neste sentido, a disciplina de Arte no contexto inclusivo desencadeia um papel primordial, por oportunizar o acesso a atividades práticas auxilia ao aluno incluso desenvolver habilidades e trabalhar suas limitações através do concreto. Portanto, o professor ao trabalhar o conteúdo de Artes deve criar situações onde o objetivo seja a arte como conhecimento, realizando a mediação entre a teoria e a prática para que o aluno tenha possibilidade utilizar a experiência como construção do conhecimento e ampliar sua leitura e compreensão de mundo. Identificar os conhecimentos que o aluno já possui é o ponto de partida para o processo de ensino aprendizagem, é importante que o aluno se perceba como um sujeito ativo da aprendizagem e que sejam respeitados seu ritmo, interesse, e estilo de aprendizagem.

ANEXOS

Anexo A

Textos de apoio – Arte Contemporânea e Autorretrato fotográfico

Arte Contemporânea

A arte contemporânea é construída não mais necessariamente com o novo e o original, como ocorria no Modernismo e nos movimentos vanguardistas. Ela se caracteriza principalmente pela liberdade de atuação do artista, que não tem mais compromissos institucionais que o limitem, portanto pode exercer seu trabalho sem se preocupar em imprimir nas suas obras um determinado cunho religioso ou político.

Esta era da história da arte nasceu em meados do século XX e se estende até a atualidade, insinuando-se logo depois da Segunda Guerra Mundial. Este período traz consigo novos hábitos, diferentes concepções, a industrialização em massa, que imediatamente exerce profunda influência na pintura, nos movimentos literários, no universo ‘fashion’, na esfera cinematográfica, e nas demais vertentes artísticas. Esta tendência cultural com certeza emerge das vertiginosas transformações sociais ocorridas neste momento. Os artistas passam a questionar a própria linguagem artística, a imagem em si, a qual subitamente dominou o dia-a-dia do mundo contemporâneo.

Os artistas nunca tiveram tanta liberdade criadora, tão variados recursos materiais em suas mãos. As possibilidades e os caminhos são múltiplos, as inquietações mais profundas, o que permite à Arte Contemporânea ampliar seu espectro de atuação, pois ela não trabalha apenas com objetos concretos, mas principalmente com conceitos e atitudes. Refletir sobre a arte é muito mais importante que a própria arte em si, que agora já não é o objetivo final, mas sim um instrumento para que se possa meditar sobre os novos conteúdos impressos no cotidiano pelas velozes transformações vivenciadas no mundo atual.

Fonte: Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/arte-contemporanea/>. Acesso em: 02 de junho de 2013.

Arte contemporânea

É a arte do nosso tempo. Marcada pela quebra de padrões, pela liberdade total de criar, representar e propor situações e também pela pesquisa e uso das novas tecnologias (vídeo, holografia, som, computador, etc.). A arte contemporânea se aproxima da vida, nela, tudo pode ser incorporado, o expectador é provocado e convidado às mais variadas reflexões sobre a arte e sobre a vida. A arte se integra à própria vida. Beleza, feiura, ironia, política, percepções, sensações, sucata, lixo, e até o próprio corpo, tudo pode ser material artístico.

Ainda na década de 60 surge a Arte Conceitual, cuja arte passa a questionar a própria função da arte. O suporte da arte passa a ser a ideia, o conceito. Em oposição à arte conceitual, na Arte Formal (principalmente a abstração geométrica) os artistas aprofundam as pesquisas dos elementos visuais iniciadas pelos pintores modernos.

A pesquisa e o uso de materiais variados e inusitados estão presentes nas obras. Na Arte Contemporânea há exploração de todos os sentidos, não só da visão, mas também o tato, paladar e audição, exigindo do público, muitas vezes, uma participação ativa para que a obra se realize. Mudaram os tempos, mudou a arte e sua função. Não esqueçamos que a arte é histórica, e cada vez mais, política e provocativa; porém sempre original e criativa.

Alguns conceitos que se transformam na arte da contemporaneidade, no que diz respeito:

1- Ao público

Na Arte contemporânea, o espectador deixa de ser um contemplador passivo do estético, para se tornar um agente participante, um leitor ativo de mensagens. Muitas vezes a obra só se realiza na sua presença e com a sua participação. Sensibilizar o espectador é, então, menos importante do que fazê-lo refletir.

2- Ao artista

Este, além de ser um criador, passa a ser um propositor de idéias e/ou experiências, um manipulador de signos.

3- À originalidade e a autoria

A apropriação de objetos do cotidiano questiona o conceito de originalidade. A terceirização de etapas de construção da obra questiona o conceito de autoria.

4- Às relações entre as obras e o tempo

Obras efêmeras são criadas, fazendo-nos pensar sobre o conceito de obra-prima, que “dura para sempre”. Obras que se consomem no tempo, como as performances, permanecem apenas nos registros (fotografias, vídeos, etc.) e estes tomam o seu lugar como agentes nos espaços expositivos. A obra pode deixar de ser um objeto autônomo, resultado de um trabalho terminado, para se tornar um processo em desenvolvimento, inacabado por sua própria natureza (work in progress).

Fonte:

Colégio Pedro II. Departamento de Desenho e Artes Visuais. Apostila de Artes Visuais para a 1ª Série do Ensino Médio Elaboração: equipes de Artes Visuais / Unidades Centro e São

Cristóvão III Org. prof.^a. Greice Cohn1. Disponível em:
<http://jucienebertoldo.files.wordpress.com/2013/01/apostila-de-arte-contemporanea.pdf>

Acesso em: 20 de maio de 2013.

Arte contemporânea: origens, propostas, características e novas linguagens.

O acesso dos artistas ao computador lhes deu a oportunidade de explorar as possibilidades dessa tecnologia como um meio de expressão, criando uma nova linguagem artística. Com o início da internet na década de 90 surge o primeiro site que apresenta uma linguagem visual artística na web, ele se apropria dos códigos da Html e imagens, propõe a interação com o internauta, onde um link leva a uma outra composição imagética, num movimento automático, guiado ao acaso. A internet oferece ao artista o acesso a um público mais amplo e menos especializado.

A utilização diária do computador pela pessoa comum trouxe reflexões filosóficas sobre essa nova forma de estar no mundo. Seguindo este pensamento a arte dos novos meios seria uma resposta dos artistas à revolução das tecnologias da informação e a digitalização dos modelos culturais. A internet disponibiliza uma hiper abundância de imagens, sons e textos, que aliados à dupla função Ctrl C - Ctrl V, abre possibilidades de novas apropriações e combinações. É importante, porém, percebermos que as novas tecnologias são recursos, que podem ser utilizados para o desenvolvimento de linguagens artísticas. Mas a tecnologia não é arte por si só.

No campo das emoções a fotografia tenta nestes tempos, como aliás já o fez no passado, explorar e tratar a condição humana: desilusão, ansiedade, desespero, solidão, fobia, mas também a alegria, a festa, a esperança. O ser humano, na sua relação com o mundo atual, é o centro de atenção dos artistas mais recentes

Fonte:

TAVARES, António Luís Marques. A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea. Sapiens: História, Património e Arqueologia. [Em linha]. N.º 1 (Julho 2009), pp. 118-129. Disponível em: http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A_fotografia_artistica.pdf. Acesso em: 02 de junho de 2013.

O que difere o retrato do autorretrato?

Entende-se por autorretrato, um retrato do sujeito feito por ele mesmo: o objeto é o próprio fotógrafo, e o fotógrafo é o próprio objeto. Se essa distinção inicial nos aponta para uma simplicidade tranquilizadora, é preciso estar atento para as sutilezas que se revelam na complexa relação que se produz no rito do ato fotográfico. Dessa maneira, o autorretrato pode ser considerado como uma espécie de extensão do próprio retrato, com a diferença que nele é o próprio fotógrafo que constrói o tipo de encenação a ser produzida. É no jogo dessas construções identitárias que vêm se produzindo ao longo do século XX uma série de experiências onde artistas, rompendo os limites das encenações tradicionais dos retratos de outrora, buscam uma espécie de exploração cujo objetivo não está mais voltado para um tipo de identidade (no caso a virtual) que se veja refletido em sua identidade social.

Uma vez que a fotografia se apresenta como autorretrato, assim como todo retrato apresenta-se como autorretrato de si para o outro, então chega-se a conclusão de que todo autorretrato pressupõe um simulacro, onde não existe um “eu” e sim uma sucessão de “eus” possíveis, onde o corpo não delimita uma identidade estável, mas sim, um conjunto de identidades sucessivas e contraditórias umas as outras, e que sempre será determinado pelo olhar do outro.

Os modos de produção artística do autorretrato começam a se transformar, de maneira mais visível, a partir das modificações sociais e tecnológicas ocorridas na segunda metade do século XIX, responsáveis pelo advento fotográfico, o qual alterou o modo com que o sujeito visualiza o mundo e a si mesmo. A fotografia possui capacidade de reproduzir com suposta exatidão o que é visto pelo olho. Dessa forma, libera a pintura do compromisso mimético com a realidade, possibilitando ao artista operar alterações na imagem produzida de si mesmo e dos outros. Diferentemente do autorretrato produzido ao longo da história, os artistas contemporâneos atribuem-lhe novos conceitos, construindo-o não mais com a intenção de copiar a aparência física de seu autor, mas como forma de questionar a identidade ou de produzir estranhamento no artista e/ou no público.

Fonte:

FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Anexo B

Sugestões de obras a serem utilizadas no projeto



Figura 1: Albano Afonso - Série Retratos - Auto-Retrato com Goya, perfurador sobre fotografia, 104 X 80,5 cm, 2001. Disponível em: <http://www.inhotim.org.br/index.php/arte/artista/view/92>. Acesso em: 05 de junho de 2013.

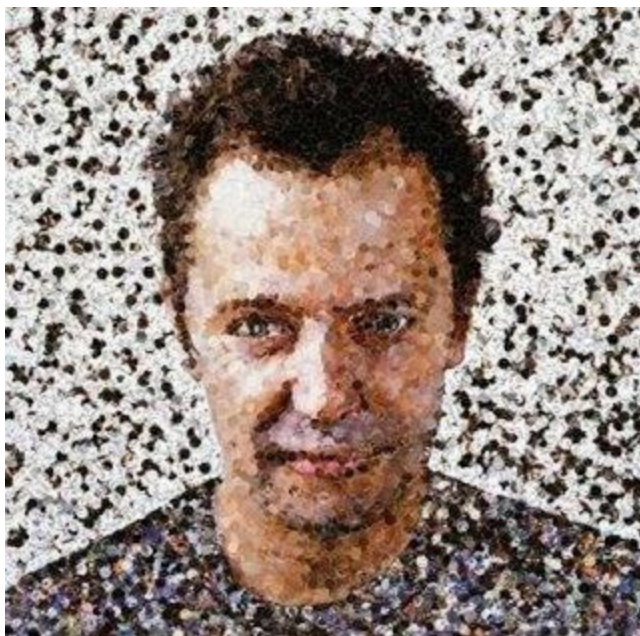


Figura 2: Auto-retrato de Vik Muniz

Disponível em: <http://www.caras.com.br/imagens/89571/em/noticias/14679/auto-retrato-de-vik-muniz>. Acesso em: 05 de junho de 2013.



Figura 3: foto de Marcia Xavier para ET EU TU, de Arnaldo Antunes e Márcia Xavier
Disponível em: <http://www.cosacnaify.com.br/noticias/titulos.asp>. Acesso em: 05 de junho de 2013.



Figura 4: Gisela Milman Catherine 160 x 120 cm Fotografia
Disponível em: <http://www.muvgallery.com/exposicao>. Acesso em 05 de junho de 2013.



Figura 5: Albano Afonso *Sem Título*, 2001 fotografia 93 x 117 cm Coleção Casa Triângulo. Foto José de Paiva
Fonte: http://www.itaucultural.org.br/deslocamentos_do_eu/artista.htm. Acesso em: 05 de junho de 2013.

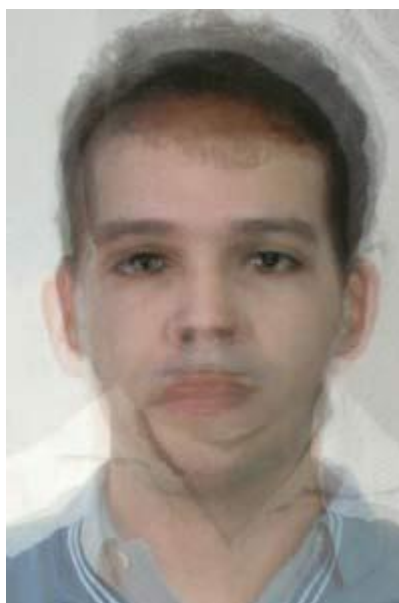


Figura 6: Fábio Carvalho *Espelho Mnêmico*, 1998
cópia fotográfica de imagem digital (Durst Lambda) 42 x 29,7 cm Coleção do artista
Foto arquivo do artista

Fonte: http://www.itaucultural.org.br/deslocamentos_do_eu/artista.htm. Acesso em: 05 de junho de 2013.

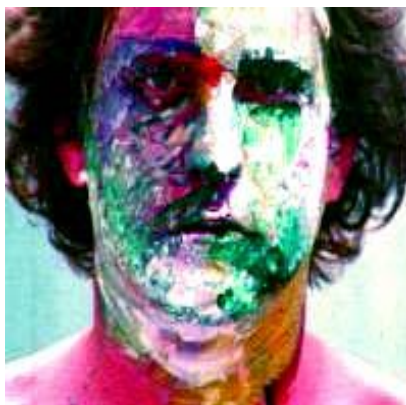


Figura 7: Marcello Nitsche *Auto-Retrato*, 1975 vídeo duração 3min18 Coleção do artista
Foto reprodução fotográfica a partir de imagem videográfica.

Fonte: http://www.itaucultural.org.br/deslocamentos_do_eu/artista.htm. Acesso em: 05 de junho de 2013.



Figura 8: Márcia Xavier *Sem Título*, 1997 fotocópia sobre acetato e espelho 53 x 67 x 3 cm
Coleção Museu de Arte Moderna de São Paulo
Foto Romulo Fialdini

Fonte: http://www.itaucultural.org.br/deslocamentos_do_eu/artista.htm. Acesso em: 05 de junho de 2013.

REFERÊNCIAS

AMARAL. Flávio. **Entrevista pessoal com Ana Mae Barbosa e entrevistas concedidas a Agência Repórter Social e Museu de Arte Contemporânea da USP.** Disponível em: <http://www.blogacesso.com.br/?p=34>. Acesso em: 20/11/2012.

AMERICAN ASSOCIATION ON MENTAL RETARDATION. **Mental retardation: definition, classification, and systems of supports.** Washington DC, USA: AAMR, 2002.

BEDIN. Thaís, BINOTTO. Rosângela Ferigolo. **Educação e Arte: estimulação cognitiva em deficiência intelectual.** Disponível em: <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramaticaortografia/36/artigo264730-5.asp>. Acesso em: 18/11/2012.

BRASIL. Decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. **Regulamenta as leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento as pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 22/11/2012.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Secretaria de educação Especial: MEC; SEESP, 2001.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. Programa de Educação Inclusiva: Direito à diversidade. **Educação Inclusiva: a fundamentação filosófica.** Brasília, 2004.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares /** Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC /SEF/SEESP, 1998.

CAMPELLO. Sheila Maria Conde Rocha. CRUZ. Terezinha Rosa. Módulo 16: **História da Arte-educação 2**. Brasília: LGE Editora, 2010.

DAMÁSIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento educacional Especializado: pessoa com surdez**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FALCONI. Eliane Regina Moreno. SILVA. Natalie Aparecida Stuario. **Estratégias de Trabalho para alunos com Deficiência Intelectual: Atendimento Educacional Especializado (AEE)**.

Disponível em:

<http://jucienebertoldo.files.wordpress.com/2013/03/estrategiaspedagogicasdeficiencia-intelectual-di.pdf> . Acesso em: 23/05/2013.

FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES. Adriana L. Limaverde, et al. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência mental**. São Paulo, MEC/SEESP, 2007.

GUIMARÃES. Leda Maria Barros. COSTA. Leci Maria de Castro Augusto; OLÁRIA. Vânia. **Módulo 14: história da arte-educação1**. Brasília: LGE Editora, 2010.

LEI Nº 9.394. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Editora do Brasil, Brasília, 1996.

MACIEL, Diva de Albuquerque. PAULINO, Lúcia Helena. **Módulo 5: A Psicologia e a Construção do Conhecimento**. Brasília: Cidade Gráfica e Editora Ltda., 2008.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Terezinha Teles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. Volume único: livro do professor. 1 ed. São Paulo: FTD, 2009.

MÉNDEZ, Tatiana Fernández. **Abordagens na mediação museal, cultural e em sala de aula**. Apostila cedida no curso de Prolicen – Artes Visuais, 2013. Disponível em: http://www.ead.unb.br/moodle_1_2011/mod/resource/view.php?id=70496. Acesso em: 10/05/13.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. [Declaração de Salamanca - Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf). Disponível em: portal. Mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf. Acesso em: 20/03/2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Estratégias e orientações sobre artes: Respondendo com Arte às necessidades especiais**. Brasília, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. A **pedagogia de Dewey**. In: WESTBROOK, Robert B; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Fundação Nabuco, Editora Massangana, 2010.

